

VIVENDO O FUTURO:
 ECLESIOLOGIA MISSIONÁRIA NO LIVRO DE APOCALIPSE
 Dean Flemming
 Colégio Nazareno Europru, MidAmerica Nazarene University

Deixe-me começar este papel por afirmar minhas suposições básicas: primeiro, toda a Escritura conta as histórias de um Deus que está numa missão de redimir e restaurar uma humanidade rebelde e finalmente todas as coisas através de Jesus Cristo. Segundo, a identidade da igreja está enraizada em e flui da sua participação na missão do Deus triunfo. Imaginar a igreja for a da *missi Dei* seria como imaginar um oceano for a da água. Terceiro, os escritos do Novo Testamento, sem exceção, são dirigidos a comunidades cristãs que se encontram na missão de Deus. Que é mais, estes documentos visam formar e energizar o povo de Deus para que possam fielmente engajar-se na missão amorosa de Deus.

Dadas estas suposições, o que, então, fazemos com o livro de Apocalipse? Talvez a leitura mais comum nas igrejas Nazareno em todo o mundo vê Apocalipse primeiramente como um livro que prediz iminentes eventos do futuro. Como resultado, a preocupação da igreja e a sua presente missão toma o assento da fila de trás. Com certeza, em algumas leituras “pré-tribulacionistas” de Apocalipse, a igreja é “arrebataada” ao céu no começo do capítulo quatro (“sobe aqui” 4:1). Isto significa um escape de participar na missão de Deus a um mundo alienado.

Um Propósito de Formação Comunitária

Em contraste, eu estou convencido que Apocalipse é uma das fontes mais profundas no Novo Testamento para a compreensão de quem nós somos como povo de Deus e como devemos participar na missão de Deus.¹ Esta convicção está em parte ligada aos alvos da retórica do João. Para a audiência de João, a chamada à participação na *mission Dei* era vivida em ruas poeirentas e em edifícios habitacionais do Império Romano. Os cristãos na igreja na Ásia para quem ele escreve encaravam dois problemas básicos: perseguição (ver 2:10, 13; 3:10)² e acomodação.

1

Este papel sai de Dean Flemming, *Recuperar a Missão Integral de Deus: Perspectivas Bíblicas no Ser, Fazer e Dizer* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2013), 231-51.

² Há um crescente consenso acadêmico de que o medo de perseguição para as igrejas de João vieram provavelmente de forma de hostilidade local esporádica, em vez de um campanha em todo o império contra os Cristãos. Ver Greg K. Beale, *O Livro de Apocalipse* (Grand Rapids:

Para a maioria destas igrejas a maior das duas era a tentação de acomodar-se à teologia e práticas do império (2:14-16, 20-23; 3:1-3, 15-19), talvez como um meio de evitar a perseguição. Os cristãos na Ásia Menor encaravam as pressões cotidianas de participar na vida pública Romana, que era estorvada com a “religião civil” do culto do imperador e de adoração aos deuses tradicionais. Para João, contudo, comprometer com as formas do império significava conluiar-se com todo o sistema do poder imperial—religiões, economia e política. Colocava-os em aliança com um império /domínio concorrente, que reivindicava uma lealdade que só Deus merecia.

João, então, tinha um propósito duplo para Apocalipse. Negativamente, ele busca distanciar estas comunidades das formas de pensar e viver imperiais.³ Positivamente, ele convida-lhes a uma adoração universal do único Deus soberano e a assumirem um testemunho profético a Deus e sua missão no mundo. Michael J. Gorman correctamente vê que Apocalipse “está acima de todo um documento de formação comunitária, pretendia formar comunidades de crentes em Jesus como Cordeiro de Deus em comunidades mais fiéis e missionárias de . . . adoração e testemunho.”⁴ como, então, Apocalipse procura formar a identidade missionária da igreja?

Imaginação – Um Baicão

João dá a estas igrejas uma visão alternativa do mundo da ilusória cosmovisão do império. É como se declarasse ao seu audiência, “esta é a maneira como realmente as coisas são,” da perspectiva do futuro de Deus e do trono de Deus. Como Richard Bauckham sábiamente observa, João leva os seus leitores ao céu “a fim de verem o mundo na perspectiva celestial.” O

Eerdmans, 1999), 28-33. Contudo, João vê as experiências presentes de sua audiência como uma amostra do sofrimento intensificado porvir (Ver 6:9-11).

3

A retórica do João visa ajudar a explicar porque é que o Apocalipse traça fronteiras rectas entre a igreja e o mundo descrente, do que, dizer, Actos, que mostra mais abertura a afirmar o que é positivo na cultura humana (e.g., Actos 17:22-31).

⁴ Michael J. Gorman, *Ler Apocalipse Responsavelmente: Testemunho e adoração incivil: Seguir o Cordeiro à Nova Criação* (Eugene, OR: Cascade Books, 2011), 176.

vidente puxa a cortina do futuro de Deus para que possam ver o presente do ponto de vantagem do propósito final de Deus par o mundo.⁵

A visão de Apocalipse, por exemplo, duma multidão multinacional no céu, adorando a Deus e ao Cordeiro dia e noite (7:9-17) não é apenas uma figura do futuro da igreja. Oferece também às comunidades cristãs um balcão de imaginação, que define quem elas são como povo de Deus no presente. João dá-lhes uma visão dos povos da terra, em todas as suas variedades étnicas e linguísticas, reconciliadas umas com as outras e com o triunfo Deus. Tal visão forma a sua identidade e missão. Em consequência, João pergunta a sua audiência: que versão da realidade determinará como imaginais o mundo e praticais a fé? Será a visão da nova criação de Deus ou os valores do império terreno?

Ser povo Missionário

Uma maneira que Apocalipse forma a identidade de igreja missionária é por fazer a pergunta, “Quem somos nós?” Parte da resposta do João é figurar a igreja como um “reino” e “sacerdotes” (1:5; 5:10; cf. 20:6). Estas imagens lembram a passagem definida do pacto de Êxodo 19:5-6. Como um povo do *Reino*, a igreja ambos partilha do reino de Cristo (2:26-27; 3:21; 5:10) e sustenta um testemunho público a esse reino por viver como uma alternativa ao “reino deste mundo” (11:15). Como um povo sacerdote, a igreja é chamada a mediar entre Deus e o mundo. Justo como Israel foi separado a luz de Deus aos Gentios (Isa 49:6), assim a nova comunidade sacerdote media a presença de Deus às nações pelo testemunho da palavra e vida.

De perto relacionado está a figura de Apocalipse das igrejas da Ásia como sete “castiçais” (1:12, 13, 20; cf. 11:4). No Velho Testamento, Zacarias visionou o povo de Deus Israel como um castiçal dourado ramificado a sete (Zc 4:2). João, contudo, não vê um único castiçal mas sete, sugerindo que cada igreja local representa o povo de Deus como um todo.⁶ Como castiçais, estas igrejas devem ser a luz de Deus ao mundo que lhes circunda.

5

Richard Bauckham, *A Teologia do Livro de Apocalipse* (Cambridge: Cambridge University Press, 1993), 7.

⁶ Stephen S. Smalley, *The Revelation to John: A Commentary on the Greek Text of the Apocalypse* (London: SPCK, 2005), 53.

Portando Testemunho Dispendioso

O que, então, é que o povo de Deus é chamado a fazer? Acima de tudo, o seu papel é sustentar um *testemunho* fiel. Em primeiro lugar, isto significa dar testemunho verbal (*martyria*) à palavra e verdade de Deus (1:2, 9; 6:9; 12:11; 20:4), capacitado pelo *Espírito* profético (19:10). Mas a igreja não sustenta testemuho com palavras apenas. O seu testemunho tem como âncora “Jesus Cristo, a fiel testemunha” (1:5), e o firme testemunho de Jesus levou-o à cruz. Da mesma maneira, para seguir o Cordeiro morto, significa dar testemunho e sofrer. O povo de Deus apega-se ao “testemunho de Jesus” (12:17; 19:10; cf. 1:2, 9). Esta frase refere-se não somente ao testemunho sobre Jesus; ela inclui também partilhar o próprio testemunho de Jesus através de suas palavras e sua vida fiel e morte.⁷ Deus redime pelo derramamento do sangue do Cordeiro (1:5; 5:9; 12:11), e o testemunho da igreja é definido pelo amor sofredor de Deus. O povo de Deus segue o Cordeiro “onde quer que ele vá,” (14:4), mesmo quando ele vai à cruz. Mas por causa do seu sofredor testemunho da palavra e da vida, partilham também do triunfo do Cordeiro (12:11).

A visão de João das duas testemunhas (11:1-13), em particular, projecta a testemuha profética da igreja. Estas duas testemunhas/profetas representam a igreja como um todo no seu papel de sustentar testemunho.⁸ A sua história desdobra-se como um drama de três partes, nas quais a igreja encorpora a narrativa de Jesus na forma de testemunho.⁹ Em Actos um, o testemunho dos profetas expõe uma autoridade incomum e poder miraculoso (11:4-6). O fgo que brota da boca deles simboliza a palavra poderosa de Deus (11:5). A descrição de João do testemunho relembra, não apenas a carreira profética de Elas e Moisés (11:6), mas também do ministério terreno de Jesus, “no qual desfrutou de um sucesso sem paralelo contra os seus inimigos . . . e no qual ele foi largamente celebrado pelo poder autopritativo libertado pela sua pregação.”¹⁰

Actos dois decifra um dramático virar dos acontecimentos. As testemunhas são mortas pela besta, e depois humilhadas publicamente na “grande cidade . . . quando o seu Senhor foi crucificado” (11:7-10). Tal como o testemunho de Jesus ao reino de Deus levou à sua morte nas mãos dos inimigos, a igreja que testemunha pode esperar não diferente dos poderes brutais.

7

Ver A. A. Trites, *O Conceito do Testemunho Novo Testamento*, SNTSMS 31 (Cambridge: Cambridge University Press, 1977), 156-64.

⁸ Nota que as duas testemunhas são chamadas “Castiçais” (11:4), um símbolo que representa as sete igrejas (1:12, 20).

⁹ See Joseph L. Mangina, *Apocalipse* (Grand Rapids: Brazos, 2010), 137-39.

10

Ibid., 138.

No terceiro acto, Deus, o *re-criador*, sopra nova vida nas testemunhas, tal como Jesus foi ressuscitado dos mortos. E, como Cristo, vindicou, elas ascendem ao céu no próprio chamado de Deus (11:11-12). Mas elas não só serão salvas. Seu testemunho da palavra e derramar da vida, juntamente com o julgamento de Deus através de terramoto, leva a povos de todas as nações a darem glória a Deus do céu (11:13). Testemunho dispendioso é missonário.

O que é que a cisão de Apocalipse da igreja como *testemunha* significa para a nossa participação na missão de Deus hoje? Primeiro, chama ao povo de Deus a profeticamente falar a verdade de Deus, mesmo quando é incomum fazer isso. Em muitos cenários globais, o evangelho do morto e ressurecto Cordeiro continua a roçar a concorrentes reivindicações da verdade de religiões, ideologias e cosmovisões dominantes. Nos contextos pós-moderno, a verdade tende a ser transformada em desdenhador de mercadoria, costurada para o consumidor. Mas independentemente das circunstâncias, *como* sustentamos o testemunho deve sempre regular a nossa mensagem. O nosso testemunh deve ser não-coersivo e vulnerável; deve incorporar a história do Cordeiro crucificado.

segundo, o testemunho fiel da igreja frequentemente vai de mãos dadas com o sofrimento. Admito que tenho pouca experiência com este aspecto da mensagem do João. Para muitos Cristãos irmãs e irmãos no nosso mundo, oposição por causa de Cristo é uma realidade diária. Sem sombra de dúvida, alguns participantes desta conferência compreendem a conexão entre o testemunho e sofrimento de uma maneira que simplesmente eu não posso. Ainda assim mesmo nas sociedades relativamente tolerantes, quando os Cristãos profeticamente dão testemunho em praças públicas, aumenta-se a possibilidade de eles encararem alguma forma de recuo ou ridículo. Stephen Fowl faz esta observação apelativa: “a questão . . . torna-se ou Cristão na América ou em algum outro lugar testifica na palavra e obras numa suficiente fé substancial para provocar oposição dos poderes que são ou indiferentes ou hostis ao Deus triuno.”¹¹

Sejam quais forem as nossas circunstâncias, Apocalipse dá-nos esperança de que Deus incutirá o testemunho vulnerável da igreja da palavra e vida com o poder divino. Como resultado, mesmo os que opoem a nós glorificarão o único verdadeiro Deus (11:13).

Tesytemunhar através da Adoração

Em Apocalipse, o testemunho do povo de Deus está entrelaçado com adoração.¹² Adoração não é simplesmente uma prática litúrgica. É um acto público e “política”. Os adoradores proclamam fidelidade.

¹¹ Stephen Fowl, *Filipenses* (Grand Rapids: Eerdmans, 2005), 71.

¹² Ver Olutola K. Peters, *O Mandato da Igreja no Apocalypse do João*. Estudos em Literatura Bíblica 77 (New York: Peter Lang), 2005, 142-44.

Em todo o Apocalipse, adoração a Deus que se assenta no trono no céu está em claro contraste à adoração da besta na terra (13:4-15; 14:9-11; 16:2; 19:20; 20:4), incorporado pela audiência do João no culto ao imperador. Quando a comunidade canta hinos de adoração, anuncia ao mundo que Deus é o único soberano Senhor e que César não é.

Adoração é também missionário. Muitos cenários de adoração em Apocalipse convida o povo a participar na missão de Deus. Michael Gorman coloca isto bem: “Como um chamado a juntar-se à contínua adoração celestial a Deus, Apocalipse é simultaneamente uma apresentação do divino drama que é celebrado em adoração, e por isso também convidar a entrar na história e missão de Deus.”¹³ Essa chamada a adoração se estende não apenas para a igreja, mas também ao mundo. A adoração da comunidade busca ambos, glorificar a Deus e trazer outros à esfera de adoração a Deus.

Deixar Babilónia Atrás

Parte da estratégia de João para formar a identidade de uma igreja missionária é desenhar fronteiras entre o império e a comunidade de fé. Com simbolismo contudente, ele expõe a Roma como uma besta formidável, o que ataca a adoração de toda a terra (13:34). Ela é a meretriz Babilónia (capítulo 17-18), uma cidade que acumula a sua riqueza por oprimir os sem poder e explorar os povos do império. João usa o símbolo da *Babilónia* “para significar a tendência da humanidade de construir impérios idólatras.”¹⁴ Tem precursosres bíblicos em cidades como Babel, Sodoma, e Babilónia em si. Mas a sua presente manifestação é Roma, cujo mal ultrapassa a elas todas.

Não é suficiente, contudo, para congregações simplesmente abrir seus olhos e reconhecer os poderes da besta por aquilo que eles são. As igrejas devem activamente “sair” da Babilónia (18:4). Este Êxodo não é de uma cidade física mas de cumplicidade com a cobiça, idolatria e injustiça Babilónica. É uma chamada a deixar o viver babilónico. Para a audiência do João, isto envolve separação de práticas culturais comuns como comer comida sacrificada aos ídolos (2:14-15, 20-21), com a sua ligação à adoração imperial. e, como a mensagem de João à igreja de Laodicéia mostra, significa quebrar com a arrogância da Babilónia e consumo de auto gratificação (3:17; cf. ch 18). Emigrar de Babilónia requer separação dos valores e práticas que suportam a idolatria babilónica e se opõem à reivindicação do verdadeiro Deus. Apocalipse

¹³ Gorman, *Reading Revelation*, 37.

¹⁴ Simon Woodman, *O Livro de Apocalipse* (London: SCM Press, 2008), 232.

convida a igreja a ser uma comunidade de “povo santo” (*hagioi*, e.g., 5:8, 13:7, 10; 14:12; 19:8), reflectindo caracteres de um Deus santo.

Mas o que é que o apelo de “sair” da Babilónia significa a como a igreja chama o seu mundo? Será que João clama por um centro contemplativo, anti-séptica marca de santidade? ^{não ao todo}. Em Apocalipse, santidade casada com missão. A participação da igreja na *missio Dei* requer um duplo movimento: *ambos* separação e testemunho fiel. Só pessoas que são “irrepreensíveis” e “sem engano” (14:4-5) pode autenticamente dar testemunho à verdade de Deus. Como Gorman coloca isto, “A igreja não pode ser igreja na Babilónia até que seja igreja for a da Babilónia.”¹⁵ Que mais, resistir às formas do império dá aos intrusos uma oportunidade de darem a segunda olhada à realidade em sua volta e talvez renunciarem a sua cidadania da Babilónia caída.

O que é que significaria às comunidades Cristãs “sair da Babilónia” hoje? Devemos começar por pedir que o Espírito nos ajude a discernir onde está “a Babilónia” a ser encontrada. Pode estar muito mais perto do que pensamos. Onde no mundo é que os governos ou empresas promove suas riquezas e segurança a custa dos desfavorecidos? Onde é que os poderes das religiões funcionam como impérios que demandam fidelidade idólatra?¹⁶ Onde é que indivíduos e sociedades prostram-se ao deus-cultura do consumismo? E de que forma é que os Cristãos são chamados a serem cúmplice da Babilónia, seja activamente ou passivamente?

Para o povo de Deus, renunciar a cidadania da Babilónia envolve profeticamente desafiar os fabricantes hodiernos de ídolos, opressores, traficantes e exploradores. Mas João chamou também a igreja ao testemunho do estilo de vida santo, que resiste às seduções da Babilónia e visivelmente demonstra uma alternativa positiva. Considere, por exemplo, a maneira como usamos o nosso dinheiro. Em muitas das nossas sociedades, economia consumista é um poder controlador, um ídolo, e é difícil coduzir contra o fluxo de tráfico. Precisamos de fazer algumas perguntas infortáveis: participamos num sistema de suborno e corrupção que injustamente beneficiam os que estão no poder? Vendemos mercadorias luxuosas desnecessárias a custa dos recursos dos outros? Podemos continuar a trabalhar a investir em, ou investir ou comprar em empresas que exploram os pobres a fim de susntarem um estilo de vida do rico? Devem as igrejas deitar seus limitados recursos financeiros em construções? Ou podíamos usar melhor

15 Gorman, *Ler Apocalipse*, 185.

¹⁶ J. Nelson Kraybill, *Culto e Comércio Imperial no Apocalypse do João*, JSNTSup 132 (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996), 22.

esses fundos a apoiar ministérios que servem os necessitados e os perdidos? As comunidades Cristãs precisarão de procurar saber como deixarem a Babilónia em suas próprias circunstâncias. Não será o mesmo em Manila como em Manhattan. Mas estas não são apenas perguntas de éticas pessoais. São parte do nosso testemunho guiado pelo Espírito para o mundo.

Encorporar o Futuro

Com gratidão, a história de Apocalipse não termina em Babilónia. João oferece uma alternativa ao povo de Deus—a nova Jerusalém. A visão de Apocalipse do novo céu e da nova terra (capítulo 21 e 22) revela o último triunfo da missão de Deus. Mas como é que esta visão climática informa a nossa eclesiologia missinária? Se a Nova Jerusalém é simplesmente uma figura do futuro destino dos Cristãos, sem ligação com a vida presente e missão da igreja, então tem pouco a dizer-nos. Mas esse não é o caso. Embora a cidade santa pertença ao futuro, esta visão forma profundamente a identidade presente e missão da igreja. Num sentido, precisamos de ler o Apocalipse, e, porque isso importa, a história bíblica inteira da missão de Deus, *desde o passado*. Por trancar no objectivo da *missio Dei*, recebemos graça a fim de vivermos como prenúncio do futuro de Deus mesmo agora. A visão de cortar respiração da Nova Jerusalém dada por João equipa a igreja a vivenciar a oração de Jesus, “Venha o Teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra, *como no céu*.”

Apocalipse 21—22 figura a plenitude do propósito salvífico e restaurador de Deus para a sua criação. Em vez de a igreja ser arrebatada para o céu, a Nova Jerusalém, a manifestação celestial da igreja, *desce para* uma terra renovada (21:2). Esta visão transforma as imaginações teológicas dos leitores e maneira como vêem o papel da igreja no mundo.¹⁷ Quais são alguns aspectos da Nova Jerusalém que devem formar a nossa eclesiologia missionária?

1. Comunhão com Deus e Outros. A Nova Jerusalém representa íntimo relacionamento com Deus, assim como relacionamentos humanos restaurados. Seus cidadãos vivem em pleno relacionamento amoroso uns com os outros, com o Deus triuno o foco de suas vidas partilhadas. Acima de tudo, eles gozam de da presença de Deus sem impedimentos (21:3; 22:3-4). Tal visão energiza a igreja a trazer outros para a comunhão com Deus. Mas a igreja não é apenas uma colecção de indivíduos salvos. Pessoas redimidas devem também tornar-se parte de uma comunidade amorosa e adoradora (21:7).

2. Uma Comunidade Saudável. A missão da Nova Jerusalém é “a cura das nações” (22:2). Isto sugere o trabalho restaurador de Deus em toda a arena da vida humana: espiritual, relacional, física, social e política, entre eles. Participar na missão de Deus, então, significa servir como um agente de cura a todas as feridas e miséria que resultam do pecado humano. Se a igreja beber da fonte de água viva e ter a árvore

¹⁷ See Woodman, *Book of Revelation*, 235.

da vida no seu meio (21:6; 22:2), então o que oferecemos às nações do mundo é vida abundante no seu sentido integral.¹⁸

3. Uma Comunidade Justa. Não há dica de injustiça ou opressão na Nova Jerusalém. Enquanto Babilónia enriquece-se por explorar outros (18:11-17), A extravagante riqueza de Jerusalém é partilhada por todos. “A Nova Jerusalém não tem acumulação, nem vizinhança exclusiva, e nem pobreza.”¹⁹ *Todos os seus habitantes* gozam de uma abundância de comida e água (21:6; 22:1-2; cf. 7:16). Esta visão cheia de esperança chama o povo de Deus para profeticamente desmascarar os poderes que exploram os sem poder. A igreja deve ser uma placa de sinalização da justiça e generosidade, uma amostra da vinda do reino de Deus.

4. Uma Comunidade Santa. Santidade é a verdadeira marca de qualidade da Nova Jerusalém. *Toda a Cidade*, com a sua perfeita forma cúbica, torna-se um santuário como o santo dos santos de Israel, santificada pela presença de Deus e do Cordeiro (21:15-17, 22). Somente os que lavaram suas roupas são convidados a entrar (22:14). Todas as coisas moralmente impuras são excluídas (21:27; cf. 21:8; 22:15). Somente o povo santo pode cumprir a missão de um Deus santo. E isso envolve mais do que ter pessoas “salvas.” Isso convida-lhes a serem transformadas para o santo carácter de Cristo.

5. Uma Comunidade Multinacional, Hospitaleira. A Nova Jerusalém forma a identidade da igreja como uma comunidade que abraça todas as nações, culturas e povos. Seus portões estão em todas as direcções, extendendo hospitalidade a todos os povos de todo o ponto na bússula. (21:13, 25).²⁰ As nações andam lá pela luz de Deus e do Cordeiro. Nesta visão cheia de esperança, mesmo os formalmente rebeldes “reis da terra” (ver 17:2; 18:3) trazem a sua “glória” (i.e., adoração a Deus) para a cidade (21:24). Sobretudo, Deus habita aí, não com o seu povo como no Velho Testamento (Lev 26:12; Jer 24:7), mas com seus “povos,” no plural (21:3). A noiva do Cordeiro (21:9) é trazida de todos os povos do mundo. Isto representa o cumprimento da promessa de Deus a Abraão e a sua descendência (Gen 12:1-3). A visão de João dá sinal para a igreja ser instrumento da bênção para as nações de todos os cantos e fendas da terra.

6. Uma Criação Renovada. A missão restauradora de Deus é tão larga como a própria criação em si. João visiona o novo paraíso como uma luxuriante jardim urbano, um que parece romper pela rua principal da cidade (22:1-2).²¹ Esta é a figura da harmonia ecológica e a *recriação* do mundo. O propósito do amor de Deus abraça toda a sua criação. Se for assim, então isso significa para a igreja participar na *missio Dei*

¹⁸ Ver Mangina, *Apocalipse*, 248.

¹⁹ J. Nelson Kraybill, *Apocalipse e fidelidade: Adoração, Políticas, e Devoção no Livro de Apocalipse* (Grand Rapids: Brazos 2010), 177.

²⁰ Kraybill, *Culto Imperia e Comércio*, 222.

²¹ Wes Howard-Brooke e Anthony Gwyther, *Tirar o véu do Império: Ler Apocalipse então e agora* (Maryknoll, NY: Orbis, 1999), 190-91.

inclui *ser* boas novas, não apenas às pessoas, mas a toda a criação.²² Somos apanhados no trabalho transformador de Deus de fazer “novas todas as coisas” (21:5).

Conclusão

Vimos que o propósito de Apocalipse não tem como prioridade prever os eventos futuros, mas para formar comunidades missionárias de testemunha e adoração fiéis. Consequentemente, providencia um rico recurso para a igreja global na missão hoje. Deixe-me sumarizar algumas implicações de Apocalipse para a nossa eclesiologia missionária:

- A existência da igreja é definida pela sua participação na *missio Dei*. Nós somos o povo sacerdote, chamado para mediar a presença amorosa de Deus ao mundo.
- Em Apocalipse, a tarefa missionária básica da igreja é dar testemunho. Isso envolve ambos falar “o eterno evangelho” (14:6) às nações, assim como o testemunho de uma vida derramada, mesmo ao ponto do sofrimento e morte.
- Segue-se que a *eclesiologia* é inseparável de *Cristologia*. A igreja vive a sua identidade missionária ao restabelecer a narrativa do Cordeiro morto. Essa história de auto entrega não é apenas o conteúdo da nossa mensagem. É também o padrão da nossa vida e missão no mundo.
- Em Apocalipse, fiel testemunha envolve *resistir* os poderes, humanos ou satânicos, que se opõem à adoração do Deus que se assenta no trono. Em tempos, significará desafiar a idolatria e injustiça dos dias modernos “Babilônias.” Em outros tempos, nos pedirá que nos desembaracemos dos valores e práticas que podem parecer perfeitamente “normais” em nossos contextos. A igreja é uma comunidade de contrastes, que incorpora publicamente a santidade de Deus.
- Apocalipse casa o testemunho com a adoração. Na nossa adoração, anunciamos ao mundo que o Cordeiro é digno de nossa fidelidade e os deuses das nossas culturas não são. E quando os outros forem tocados com o nosso sincero louvor e proclamação, mesmo no contexto do nosso “culto de adoração,” alguns serão magnéticamente levados à canção.
- A visão de João da Nova Jerusalém convida a igreja a entrar no largo propósito de Deus para a humanidade e toda a criação. Simplesmente não nos permitirá reduzir o evangelho a um mero bilhete par o céu. A visão de João do futuro energiza o povo de Deus a *se* um instrumento de cura para e entre as nações do mundo, mesmo como esperamos ardentemente o dia em que Deus

22

Christopher J. H. Wright, *A Missão do povo de Deus: Uma Teologia Bíblica da missão da igreja* (Grand Rapids: Zondervan, 2010), 60-61.

finalmente tornará “todas as coisas novas.” Apocalipse chama a igreja a incorporar a vida do céu mesmo nas ruas de Babilônia